

Na década de 60, surgiu a revista “Odontologia Capixaba”, de distribuição gratuita, órgão oficial da Faculdade de Odontologia da Universidade do Espírito Santo, na famosa ladeira São Bento, 66, Vitória, onde estava localizada a Faculdade. Os fundadores foram professores Wilson Martins Moreira, Romualdo Gianordoli, Moacyr Lofêgo e Rômulo Augusto Penina.

Na solenidade de lançamento oficial da revista, usou da palavra o grande orador, professor Wilson Martins Moreira, que, entre outras considerações, enfatizou a fé, a força, a tenacidade de Moacyr Lofêgo e de Rômulo Augusto Penina, que possibilitaram a publicação da primeira revista da Faculdade de Odontologia. Esses dois titãs, com exacerbado esforço, conseguiram, não sem palmilhar antes um sendeiro de lutas e vicissitudes travadas e vividas nos bastidores das repartições e das oficinas, trazer, à ribalta, uma publicação que honra, sobremaneira, a cultura odontológica da nossa terra. O lançamento da “Odontologia Capixaba” sempre foi um anseio daqueles que trabalharam e mourejaram nessa causa de ensino. Assim, envidemos nossos melhores esforços e empreguemos férreas energias no sentido de dar continuidade aos futuros lançamentos, não permitido que “forças estranhas” venham desviar a trajetória construtiva e civilizadora dessa publicação.

Hoje e desde de 1999, temos a excelente Revista de Odontologia da Universidade Federal do Espírito Santo, fruto de embrião germinado lá atrás. As palavras proferidas pelo inesquecível mestre Wilson Martins Moreira, gostaria de consagrar à jovem professora Maria Helena Monteiro de Barros Miotto, a quem dedico a maior estima, grande consideração por sua competência e liderança. Sirva como incentivo para que mantenha viva a chama acesa da existência da Revista de Odontologia da UFES.

Na oportunidade, abordo um tema sempre presente: a crise da universidade.

O professor Florestan Fernandes afirmou, em 1965, em artigo publicado: “A universidade do país enfrenta, no momento, a pior crise com que já se defrontou durante a sua curta formação no Brasil”. Hoje, em uma conjuntura política, social e econômica totalmente diferente, com um país em franco desenvolvimento, a Universidade permanece em crise, em um novo tempo de perplexidade e angústia, descaracterizada por não mais ser dona de um saber inquestionável ou de uma força social insubstituível. Se ainda estivesse vivo, o ilustre mestre Florestan, ao iniciar outro trabalho do gênero, não cometeria equívoco ao fazer a mesma afirmação, como também não o fez naqueles tempos.

Predomina ainda a crônica falta de recursos e financiamentos, salários defasados, a inexistência, e um afastamento do setor produtivo indesejável a todos. As conseqüências afetam diretamente os universitários, muitas vezes perdidos na própria escolha de seus cursos, modelos que podem estar falidos em função do descompasso em relação à sociedade. Já não existe ninguém que se arrisca a dizer que a Universidade é a vanguarda política de qualquer movimento social.

Em uma sociedade apartada como a brasileira, com uma elite beneficiada e uma massa excluída, é o momento certo da Universidade crescer, assumir a perplexidade como um desafio, formular idéias para que a sociedade, por meio de suas instituições políticas, construa novos modelos e propostas sociais. Deve-se vivenciar a Universidade para a crise, daí o importante debate que começa a ganhar corpo a respeito da proposta da reforma universitária, que se anuncia baseada em três pilares: regulação para melhorar a realidade do ensino superior, autonomia e financiamento e desenvolvimento do País

No entanto, a Universidade continuará órfã, enquanto o País não definir que tipo de modernidade deseja e, em conseqüência, que tipo de produto requer de seu ensino superior. Até lá, porém, ela não deve ficar na espera, nem a sociedade deve deixá-la ser sucateada. Espera-se que, num processo de reforma, a Universidade surja como um centro de pensamento de um país que se deseja, onde deve predominar a construção de uma nação soberana, interligada ao conjunto do mundo, buscando enriquecer culturalmente o povo com saber de nível superior, devendo superar os problemas e as necessidades básicas de toda a população, abolindo de vez o apartheid social.

A Universidade, para cumprir esses requisitos, precisa pautar-se pela busca incessante da excelência, da competência e do saber transformador. A Universidade deverá ser o campo dessa luta e voltada para fazer avançar o pensamento. A crise é o primeiro ingrediente do desafio.